

Humain, Inhumain. Le Travail critique des normes. Entretiens, Paris, Amsterdam, Paris, 2005.

Trouble dans le genre. Pour un féminisme de la subversion, Paris, La Découverte, 2005.

Défaire le genre, Paris, Amsterdam, 2006.

Le Récit de soi, Paris, Puf, 2007.

L'État global, avec Gayatri Chakravorty Spivak, Paris, Payot et Rivages, 2007.

Ces corps qui comptent ; de la matérialité et des limites discursives du « sexe », Paris, Amsterdam, 2009.

Sois mon corps, avec Catherine Malabou, Paris, Bayard, 2010.

Ce qui fait une vie, Paris, Zone/La Découverte, 2010.

Sujets du désir, réflexions hégéliennes en France au xxe siècle, Paris, PUF, 2011.

Para citar este artigo :

Claire Pagès & Mathieu Trachman, « Une analytique du pouvoir. Entretien avec Judith Butler », *La Vie des idées*, 4 décembre 2012. ISSN : 2105-3030. URL : <http://www.laviedesidees.fr/Une-analytique-du-pouvoir.html>

ÉTICA E EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

JARLES LOPES DE MEDEIROS (UECE)

JULIANA ALICE COSTA FREIRE (UECE)

Resumo

Este artigo discute as relações existentes entre ética e educação. Buscamos apresentar uma reflexão a respeito da atual situação das relações sociais cultuadas na sociedade capitalista, movidas pelo lucro e pela exploração. Logo, evidencia-se a necessidade de resgatar a essência da moral, com discussões éticas. Apresentamos os conceitos de moral e ética e apontamos como há uma inversão de valores quando se trata do assunto. Em seguida, tratamos da educação, em seu sentido mais amplo, discutindo as inter-relações existentes entre educação e ética e a importância que essas relações têm no processo de desenvolvimento do indivíduo, de sua integração na sociedade e com o meio. No decorrer de toda discussão levantamos reflexões acerca da necessidade ética que a educação exige.

Palavras-chaves: Ética, Educação, Sociedade.

Abstract

This article discusses the relationships exist between ethics and education. We seek to present a reflection on the current situation of social relations enshrined in capitalist society, driven by profit and exploitation. Soon, highlights the need to rescue the essence of morality, with ethics discussions. We present the concepts of morals and ethics and point as there is an inversion of values when

it comes to the subject. Then treat education in its widest sense, discussing the interrelationships between education and ethics and the importance that these relationships are in the process of development of the individual, their integration into society and the environment. During any discussion raised reflections on ethical necessity that education requires.

Keywords: Ethics, Education, Society.

Introdução

Vivemos numa sociedade caótica, marcada por desigualdades aparentemente irreconciliáveis. Enquanto para alguns, tempo é dinheiro, para outros, tempo significa sofrimento. As relações políticas e econômicas, pautadas no cinismo e na exploração, refletem suas mazelas nas relações sociais. O indivíduo, que não mais se reconhece no outro, sabe que vive num mundo no qual não pode usufruí-lo em sua plenitude. De um lado, encontra-se a maioria da população vivendo em condições ínfimas de dignidade, num sistema que desrespeita a essência autônoma e criativa do ser humano, atrofiando qualquer possibilidade emancipadora. Ser humano esse que convive com a miséria e com o desejo, nunca suprido, de viver com dignidade. No outro extremo, temos uma pequena parcela privilegiada, que detém a maior parte das riquezas do país. Essa camada social vive num universo à parte, onde os valores não são os mesmos da classe menos favorecida economicamente. O que é mais assustador é que, todo o sistema político e econômico está a serviço do privilégio de alguns, do lucro e da concentração de renda. Essa desigualdade, que perpassa toda a sociedade, reflete na maneira do homem/mulher pensar, agir e se relacionar com o outro e com a natureza.

A sociedade capitalista, estratificada, acaba por produzir o indivíduo ideal para conviver e manter esse quadro de desigualdade: o egoísta. A moral, em sua essência civilizadora, de amor e respeito ao outro, encontra-se egressa desse quadro. O egoísmo passa a ser o padrão social a ser seguido, para melhor se sobressair diante das

situações com os outros. Pensar unicamente em si, retirar proveito próprio em todas as ocasiões é o pensamento principal que norteia essa sociedade desigual.

Assuntos que envolvem ética e moral não são cultuados com frequência, e, na maioria das vezes, seus conceitos são confundidos. Na prática, a moral correta, positiva, é aquela que faz com que o indivíduo se sobressaia diante dos outros. Pessoas bondosas e honestas são tidas como ingênuas, e, tem-se a impressão de que é possível enganá-las e tirar proveito delas com facilidade. Existe uma inversão de valores que se processa no cerne dessa sociedade, ali onde se encontra a liga que uni os homens entre si numa relação de respeito, amor e amizade. Na contramão dessa liga, vem o egoísmo, com toda a sua insipidez, corrompendo as relações humanas, fazendo subsistir sentimentos como o amor e a confiança, tão essenciais para se viver em harmonia. A empatia, que adquiriu um sentido quase que metafísico, foi substituída pela antipatia, e muitos nem conhecem o seu significado.

Agir moralmente, nessa cultura egoística, é não se importar com o outro, é se dar bem em todas as situações, é não deixar o outro retirar algum proveito sobre você. A ausência de um debate profícuo sobre ética que ultrapasse os modismos, e que perpassa todas as relações que os homens e mulheres possuem entre si e com o meio, agrava ainda mais essa situação. É urgente que se resgate a essência das relações sociais, discutindo e refletindo sobre os seus valores.

I – Ética e moral: elementos conceituais

Ao longo da história da humanidade, as relações entre os indivíduos vêm sendo movida por valores morais que regulam, na medida do possível, o convívio em sociedade. Tais valores, que podem ser vistos como normas, estão ligados aos contextos históricos e às particularidades de cada região e cultura, podendo mudar de tempos em tempos, de um lugar para o outro.

A moral pode ser entendida como normas socialmente acordadas, que regulam as relações entre os indivíduos numa determinada sociedade, sempre em movimento, podendo variar de um

tempo histórico para outro, de uma comunidade para outra e cabe ao indivíduo a decisão sobre a execução do seu ato moral, assim como as suas consequências (VÁZQUEZ, 2008).

Como avaliar e refletir sobre os atos morais vigentes em uma sociedade? Como identificar suas características, compreendendo suas variações, sem julgar ou interferir nos seus valores? É possível avaliar um ato moral praticado por um indivíduo sem julgá-lo moralmente? Para conseguir tais respostas, para se definir os diversos conceitos de moral é necessário fazer uma reflexão e uma abordagem científica, imparcial, uma ciência: a ética. O campo da ética vai discutir tais questões. Ética é a reflexão sobre a moral. Enquanto que a moral está relacionada ao ato em si, à prática, a ética está relacionada com a reflexão, é a teoria da moral. De acordo com Vazquez (2008, p.23), ética é “a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”. Tal comportamento, assim como a criação dos valores morais, é condição fundamental da existência humana em sociedade. Essas normas são criadas coletivamente, ao longo do tempo, pelos costumes, e são aceitas por todos. A ética não cria a moral, nem define o que é bom ou mal. A ética, como toda ciência, possui um objeto de estudo: a moral.

O indivíduo possui liberdade em relação ao seu ato moral. Ao contrário da ciência do direito, que tem um caráter coercitivo, o qual todos são obrigados a cumprir as normas. Na moral, cabe ao indivíduo a decisão em agir ou não de acordo com as normas morais. Nada nem ninguém podem obrigar uma pessoa a agir moralmente de tal maneira, contudo, o indivíduo é responsável pelas consequências de seus atos.

Desse modo, evidencia-se a necessidade de se discutir os valores morais vigentes em nossa sociedade. Não podemos deixar nossas relações sociais e nossos valores serem ministrados e desenvolvidos pelo sistema capitalista, deixando escapar a essência da vida em sociedade, do amor e do respeito mútuo.

II – Desenvolvimento histórico-social ou econômico-tecnicista?

Ver o processo histórico da humanidade e o desenvolvimento de

suas competências unicamente do ponto de vista do desenvolvimento científico e tecnológico, é mecanizar e fragmentar o ser humano, tornando-o egoísta e esvaziado de valores. Historicamente o mundo foi dividido desde a sua gênese. Com isso, os seres humanos viveram, durante muito tempo, separados e divididos em grupos isolados. Com o tempo, e com as conquistas do desenvolvimento tecnológico, a humanidade entrou na era da globalização, o que possibilitou a comunicação entre as diversas partes antes isoladas do mundo. Com isso, o mundo torna-se cada vez mais um todo, e o mundo como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo o universo (MORIN, 2010).

As relações sociais foram marcadamente influenciadas pelo desenvolvimento econômico e tecnológico, sempre com o velho antagonismo entre ricos e pobres. Enquanto alguns estão numa zona privilegiada de conforto, outros sobrevivem à margem de um mundo luxuoso e ostentador. Concebido unicamente de modo técnico-econômico, o desenvolvimento chega a um ponto insustentável, inclusive o desenvolvimento sustentável. É necessária uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva, moral. A tecnologia e os meios de produção atingiram graus tão incríveis de evolução que hoje é possível manter contato com uma pessoa em qualquer lugar do mundo. Mais ainda, é possível produzir alimentos para toda a população do planeta. A expectativa de vida aumentou com o aprimoramento da medicina. Tínhamos tudo para vivermos em melhores condições. Mas, a tecnologia e o desenvolvimento industrial não estão a serviço da humanidade, e sim do lucro. Essa ideologia vai na contramão da emancipação humana. O problema não está no desenvolvimento tecnológico e industrial, mas na forma como esse desenvolvimento é utilizado a serviço de uma parcela privilegiada. Progresso e retrocesso. Esse desenvolvimento suga o humano, escravizando-o (MORIN, 2010).

A modernidade apresentou um modelo de desenvolvimento científico que pretendia resolver todos os problemas da humanidade.

Houve uma cientificidade excessiva dos métodos de produção e análise, o que acabou refletindo na forma como o indivíduo lidava com o mundo e com os outros. Juntamente com o conhecimento científico, o homem foi fragmentado em partes, sendo impossível, a partir de então, compreendê-lo em sua completude. As ciências se especializaram a tal ponto que se criaram barreiras na caminhada rumo a uma vida mais digna na Terra.

O desenvolvimento tecnológico e industrial encurtou as distâncias do mundo, possibilitando o trânsito das pessoas em lugares antes nunca imaginados, a comunicação entre elas é cada vez mais rápida e instantânea. Com o processo de globalização foi possível encontrar características culturais comuns em diversos povos nos mais variados lugares do planeta, houve uma homogeneização das culturas. Ao mesmo tempo em que vivemos numa sociedade da informação, estamos cada vez mais distantes uns dos outros, sendo incapazes de manter um contato mais íntimo com quem está do nosso lado. Pensamos apenas e nós mesmos. Estamos cada vez mais distantes, isolados e incomunicáveis uns com os outros. Valores como a honestidade, a confiança e o respeito estão escapando por entre os dedos da unidade que curva-se cada vez mais aos princípios da produção, do lucro e da descartabilidade. É urgente refletirmos sobre a nossa trajetória como ser social no mundo e repensar nossas posturas para preservarmos a humanidade.

III – Natureza ética da prática educativa

Fazermos uma discussão sobre valores, normas, comportamentos e reflexões que estão presentes na nossa sociedade é também discutir nossa compreensão sobre educação. A vida humana está intrinsecamente ligada à educação, pois essa ensina àquela, visa à evolução do homem/mulher em sujeitos mais humanos. O saber acaba fluindo pelo ato de conviver e assim estamos cotidianamente em contato com o processo de ensino e aprendizagem, sendo educados e educando, simultaneamente, e participando na construção do conhecimento.

O conhecimento e as novas tecnologias aumentaram a

capacidade do homem de produzir, trouxeram avanços científicos em todas as áreas, aumentando com isso a expectativa de vida do ser humano, proporcionando o seu desenvolvimento. Esse progresso vem acompanhado do retrocesso: o homem conquistou riquezas à custa da exploração de civilizações inteiras; escravizou, matou, subjugou culturas, segregou a produção e concentrou a renda; produziu e utilizou o poder bélico, autodestrutivo; a obsessão pelo lucro vem sugando o néctar da natureza. O desenvolvimento e o progresso comportam um processo dialético: ao mesmo tempo em que damos um passo rumo ao progresso, do ponto de vista produtivo e econômico, retrocedemos socialmente distanciando a humanidade de sua própria essência, da sociabilidade, do respeito mútuo e com o meio. De acordo com Morin (p.67-68, 2010) “É necessária uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva, moral [...]”.

A educação é um processo no qual a pessoa vai se completando ao longo de sua vida. Apropriando-nos do pensamento de Paulo Freire (2006) consideramos que o ser humano é um ser inacabado, que onde há vida existe inacabamento, e que vivemos em busca de nossa completude. Somos seres incompletos e sabemos disso. Provavelmente é este fator que nos impulsiona a querer aprender, e essa aprendizagem ocorre na relação com o outro e com o próprio pensar.

Consideramos, neste estudo, o conceito ampliado de educação e a entendemos como um fenômeno que apresenta muitas facetas, ocorrendo de forma intencional ou não, em lugares os mais variados possíveis e contando com a presença de agentes educativos diversificados que estão presentes em espaços formais e não formais, instituições escolares e não escolares, perpassando toda a sociedade e se construindo com e a partir dela, abrangendo todas as questões que contribuindo para o desenvolvimento humano se caracteriza como uma prática social. De acordo com Libâneo (1998, p.22),

Educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos e na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

A educação não acontece de forma isolada, sem que exista comunicação e interação entre os indivíduos que compõem a sociedade. Esta relação com o meio social e natural possibilita que saberes, atitudes e valores sejam absorvidos, internalizados e/ou construídos, contribuindo para que sejamos mais humanos, civilizados, sociáveis, permitindo assim que a nossa humanização seja alcançada.

Frequentemente limitamos o ato de educar à mera transmissão de conhecimentos, utilizando-o como meio de ajustar indivíduos a viverem de acordo com o comportamento da comunidade na qual estão inseridos. Porém, defendemos que quando a educação propicia o desenvolvimento pleno do indivíduo ela ultrapassa as limitações impostas no ato de ajustar, adaptar e conformar. Visa à transformação, ao desenvolvimento, à revolução. E assim nos transformamos e somos transformados cotidianamente em pessoas melhores, porque nossa alma é alimentada e nossa mente expandida. Encontramo-nos com a própria vida e concordamos que a vida é educação.

A educação, em toda a amplitude do sentido, desenvolve pessoas capazes de sentir, pensar e agir em benefício dos demais, da coletividade, rompendo com a reprodução e a perpetuação do pensamento dominante que beneficia uma mínima parcela da população a custo do corpo e da alma dos demais. Nesse sentido, Paulo Freire (1983, p. 105) afirma que os homens

[...] ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica.

Ampliar a mente para compreender que a educação se apresenta em diversos locais é corrigir a estreita visão que nos persegue até os dias atuais de que a educação só pode existir onde há escolas. Embora o nome educação esteja extremamente ligado ao âmbito escolar é fato que ela se apresenta onde a escola não existe. Observa-se que ela é

praticada em diversos locais e de formas diversas: na família, na Igreja, nos movimentos sociais, na política, nos meios de comunicação, na cidade, no campo, na fábrica, na rua, nos bares, em filmes, viagens, artes, literatura, música, vivências, experiências e ações do cotidiano no trabalho. Onde há relação do homem com a coletividade e entre si existe educação, encontramos o repasse de cultura, sentimentos, valores morais e éticos.

A educação participa do processo de construção desses valores, crenças, ideias, normas, pensamentos. Constitui e legitima as pessoas e é compartilhada, mesmo que não exista um processo formalizado de ensino. Sabemos que é inviável pensar na existência de uma única forma de educação, assim como em um único modelo de educação que seja visto como perfeito, eterno e eficiente para diversos estilos de vida e de diferentes grupos sociais.

Relacionarmos ética e educação é de extrema importância, pois ambas tem a preocupação de tratar assuntos que relacionam o ser humano aos costumes sociais e se preocupam com a forma como nos relacionamos. Desta forma, a atitude educativa se norteia por princípios que promovam o bem coletivo, considerando que somos sujeitos com direitos e deveres iguais. É ir conquistando a nossa humanização, propiciando que as pessoas possam desenvolver suas potencialidades da forma como desejarem. Neste sentido, o livre arbítrio é uma questão de respeito.

Ética, respeito e educação. Esses três princípios, mais do que um tripé social, é uma questão vital em nossos tempos. Tempos estes onde tudo é volátil. Onde não há respeito aos costumes. Aliás, a palavra costume adquiriu certa pejoratividade em nossa sociedade cientificamente incontestável. Numa sociedade onde tudo é quantificável, no palco da ciência, o costume soa como algo não oficial, o respeito é abstrato e se restringe a uma questão de etiqueta, superficial, hipócrita. Nesse sentido, a ética se restringe ao campo do abstrato, das ideias, da subjetividade, desvinculada das relações terrenas. Sabemos que alguma coisa não anda bem

em nossas relações com os demais, com a sociedade, com o meio ambiente. Sentimos a falta de respeito com que o outro nos trata e disfarçamos a nossa. Vivemos num eterno blefe egoísta.

Somos hipócritas e egoístas. Não admitimos que vivemos numa crise social. Criticamos o egoísmo, mas somos cada vez mais egoístas, enclausurados em nossas próprias casas, assistindo de braços cruzados a fome e a desigualdade na televisão. O que nos diz respeito se limita ao território de nossas casas, de nossa linhagem. Educamos os nossos filhos, planejamos um futuro de vitória para eles, com isso desejamos a derrota de alguns, já que educamos e somos educados para vencer, para ser o primeiro colocado. Precisamos garantir uma formação superior à da maioria, senão ficamos estagnados. Vivemos isolados num campo de força, o qual nos protege do problema alheio. Onde vamos parar? Para onde a sociedade caminha cultuando tais valores?

A sociedade, em seu sentido vital, reclama o resgate de seus valores. A quem cabe essa responsabilidade? Seria uma tarefa difícil elencar as instituições competentes para tal finalidade, no entanto todas elas devem estar articuladas para tal fim. A educação possui papel fundamental na formação ética e moral dos indivíduos. Ela pode resgatar o equilíbrio de um povo que vive numa sociedade desigual.

Quando falamos da relação entre ética e educação, temos consciência que ela está presente em todos os lugares e é um processo vital que ocorre durante todo o desenvolvimento do ser humano. No que se refere à educação escolar percebemos que há uma queda de qualidade moral e ética. A escola, como um dos lugares de formação do cidadão não pode deixar a ética à margem de suas discussões e prioridades, como vem acontecendo. Nesse contexto, gostaríamos de entender o que na verdade significa cidadania, conceito tão propagado pelas autoridades oficiais. Atualmente não há espaço na instituição escolar para discussões no campo da ética. Para se obter a formação plena do cidadão e para que se garanta uma convivência harmônica em sociedade, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 27) indicam que,

Essas exigências apontam a relevância de discussões sobre a dignidade

do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa categórica de formas de discriminação, a importância da solidariedade e do respeito. Cabe ao campo educacional propiciar aos alunos as capacidades de vivenciar as diferentes formas de inserção sociopolítica e cultural. Apresenta-se para a escola, hoje mais do que nunca, a necessidade de assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania.

Acreditamos na real necessidade das instituições escolares abrirem espaços para assuntos que envolvam a ética, mas é necessário ressaltar que a ética que defendemos não se submete aos interesses do lucro e da desumanização do ser humano transformando-o em mercadoria, como muito bem ilustrou Paulo Freire (2006, p.15) “[...] a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente ao interesse do lucro”.

Embora, como já foi dito, não exista uma instituição única e isolada encarregada de desenvolver qualidades morais e educacionais, que primem pelo respeito ao outro e que garanta a convivência em sociedade, acreditamos que a escola deve desenvolver ações para facilitar a convivência com a diversidade cultural. Isso é de suma importância, já que a escola não pode ficar alheia aos acontecimentos e práticas sociais, uma vez que a escola é o primeiro espaço extrafamiliar que frequentamos quando crianças. É um espaço importante para pensarmos sobre as nossas atitudes, os nossos preconceitos, sobre determinadas pessoas e para compreendermos que somos potencialmente capazes.

Muitos oferecem resistência em respeitar e aceitar determinados grupos, determinadas pessoas. A discriminação é nítida quando abordamos a questão da homossexualidade, embora haja leis que assegurem o respeito e a dignidade dos homossexuais, na prática, a moral das ruas não oferece importância para essas pessoas. O mesmo ocorre com as prostitutas e os viciados em drogas, que, assim como os homossexuais, vivem marginalizados. Questões como o racismo, arrastam-se em nossa sociedade, veladamente, embora se diga o contrário. É uma herança sofrida da nossa colonização, das

nossas raízes, assim como a existência de uma educação sexista que promove a subordinação das mulheres e cristaliza as relações de poder existentes entre os sexos. Temos que aprender a articular o individual e o coletivo. A educação pode combater o individualismo e o egoísmo com uma formação ética consistente. Para Paulo Freire (2006, p.36),

[...] faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.

O envolvimento com o magistério exige responsabilidade ética, pois trabalhamos diretamente com a formação humana, que ultrapassa o treino, a transmissão de conhecimento e que não compactua com mecanismos que visam à conformação humana. Como dissemos, a escola não deve ser a única responsável pela transmissão desses valores, pois a educação é anterior à escola. O papel da escola é muito importante, mas entendemos que a educação ultrapassa os muros escolares. Por isso, faz-se necessário que exista um envolvimento da sociedade como um todo, pois a formação ética é uma responsabilidade coletiva. Os seres humanos precisam estar inseridos no mundo. De acordo com Ilse Scherer-Warren (1999, p. 15) apresenta o conceito de sujeito social, o qual

[...] refere-se à relação de responsabilidade e de auto-criatividade positiva, não destrutiva, que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com a sociedade em que vive. É a idéia do sujeito-no-mundo ou do cidadão-no-mundo. Por isso fala-se de construção dos sujeitos, pois este se constitui nas relações sociais, que inclui a autonomia, ou autocriatividade, e a alteridade, ou o reconhecimento e respeito ao outro e à diversidade, mas em um mundo construído coletivamente e referenciado por valores, que se tornam socialmente relevantes nos grupos identitários e, às vezes, universalizam-se.

A educação é responsabilidade social de todos. Não pretendemos neste artigo sobrecarregar a escola no que se refere à formação ética do indivíduo, o que estamos propondo é que a responsabilidade seja dividida. A família, assim como as diversas instituições que compõem a sociedade têm seu papel, não se pode esperar tudo da escola. Mas

a essa não pode se omitir ou negligenciar a formação ética de seus alunos, uma vez que é um tema essencial para a formação plena do ser humano, que beneficiará a sociedade como um todo. Marginalizar a formação ética na escola é deixar tal formação a cargo da mídia e da cultura do consumo e do lucro, com isso o indivíduo se torna uma presa fácil para o egoísmo e a alienação.

Considerações Finais

O ser humano ultrapassa a questão biológica e não pode ser castrado em sua dignidade. Vivemos numa sociedade desigual economicamente, o que reflete em todo o corpo social. Nesse sistema, só alguns têm acesso às conquistas da humanidade. Assim, muitos são impedidos de vivenciar plenamente as suas cidadanias e de se reconhecerem como sujeitos, dotados de uma consciência que transborda os seus corpos. O humano, ao contrário do conhecimento científico, é inquantificável, é subjetivo. Uns não podem apontar e dizer que o outro é melhor ou pior que ninguém, principalmente quando, para tal julgamento, levam-se em conta questões econômicas, comportamentais, sexuais e étnico-raciais.

O indivíduo, distante de si pela ausência de uma reflexão interior, acaba sendo forçado a bloquear e negar os seus instintos, tendo suas partes fragmentadas e sua autoestima negada. Ele não usufrui plenamente a sua dignidade, perdendo, como isso, a sua essência humana. Educação, ética e respeito estão intrinsecamente ligados e participam do nosso cotidiano. Faz-se necessário uma educação que promova o pleno desenvolvimento humano, que lute pela liberdade e pela consciência do indivíduo, para que possamos romper com o pensamento dominante que promove as desigualdades sociais. Frequentemente defendemos, valorizamos, aceitamos e perpetuamos valores e normas que não são interessantes para a sociedade como um todo, e sim para uma mínima parcela da população. Por que ainda compactuamos com isso?

Reproduzimos condutas o tempo todo sem se dar conta disso, no automático, muitas vezes contra nossas próprias convicções.

Precisamos redimensionar nossa postura, nossas concepções, abriremos ao novo, ao natural. E o natural é ser, ser livre, ser independente de um padrão, ser como somos, como viemos ao mundo, longe de algumas convenções. Poder escolher desde o início nosso próprio caminho, sem amarras e sem repressão. Até quando acreditaremos no mito da cor? Que um recém-nascido do sexo masculino não pode ter um enxoval na cor rosa? E num passado distante, antes da escrita, no período paleolítico há mais de dez mil anos antes de Cristo, num mundo não globalizado, onde os povos viviam isolados, como se davam essas relações? Será se existia um padrão universal a ser seguido? Meninos e meninas separados? Cada um com uma cor? A condição da mulher era a mesma de subjugação da nossa sociedade atual? Podemos observar algumas comunidades indígenas, essas que vez ou outra assistimos na televisão. É curioso perceber que homens e mulheres dessas comunidades andam nus, quando não, usam uma veste tapando apenas os órgãos genitais, homens e mulheres de peitos nus. É preciso contestar o que é posto como natural. A partir do memento que alguém diz o que é e o que não é natural, estamos entrando numa convenção. E quando falamos em convenção podemos ter certeza que algumas partes não estão contidas nessa convenção, que convém apenas para alguns poucos.

Acreditamos que devemos lutar pela formação de sujeitos singulares, que agem livres e conscientemente, que assumem uma responsabilidade pessoal e social e que são capazes de romper com essa moral fabricada que nos cerca. Articular o individual e o coletivo é o desafio maior o qual encontramos em nossa sociedade. E isso não é possível se não houver respeito incondicional ao ser humano, a sua diversidade de pensamento e comportamento. É necessário ultrapassarmos as barreiras étnicas, comportamentais, culturais e combater qualquer forma de subjugação humana, e caminharmos juntos em busca de uma sociedade harmônica com suas reais necessidades vitais. Daí a importância da transversalidade da ética em todos os campos da sociedade, principalmente na educação em seu sentido mais amplo. Educação, ética e respeito é a chave para abrir essa nova sociedade que tanto clamamos, onde o egoísmo não tem

vez. Concordando com Morin (2010, p. 76), acreditamos que,

Civilizar e solidarizar a terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas o progresso, mas à sobrevida da humanidade.

Pensar o ser humano em sua essência, através de uma discussão ética a respeito da formação humana para a humanidade é condição *sine qua non* para caminharmos rumo à humanidade. E é na educação que se encontra o *olho d'água* que vai nutrir a sociedade com esses princípios, que permitirá esse processo.

Redimensionar as concepções e atitudes, bem como encarar o ser humano em sua completude é urgente e ultrapassa as questões econômicas e conflituosidade entre as nações. A humanidade está além de qualquer sistematização. Ela está presente no nosso DNA, nos nossos neurônios, na nossa psique. Entender as relações sociais é entender o ser humano, é uma questão de respeito à vida. As relações de poder existentes em nossa sociedade de classes, movidas pelo lucro, reprimem aquilo que o ser humano tem de mais rico e potencialmente criador: a diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, Para quê?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetro Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental.* – Brasília: MEC/SEE, 1997 .

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.